

Plínio Camillo

Textos selecionados

Terra

Isidoro, boçal fugido, de noite ouvindo os cães:
mete na terra.

João, nagô escravo, quando está saudoso:
corre na terra.

José, banto, quando sozinho fica:
ouve a terra.

Ester, negra velha, sabida de ervas e mandingas:
cheira a terra.

Justino, da casa, quando recebe um dengo:
dança na terra.

Miriam, negrinha nova, depois da chuva:
brinca com a terra.

Manuel, crioulo, depois de apanhar muito:
bate na terra.

Mariana, da cozinha, andar fegoso e faceiro, quando disse não:
varada na terra.

Nair, preha do sinhozinho, destemperada:
enfia terra.

Placides, escravo faiscador, para saldar a vida:
briga com a terra.

Paulina, escrava velha, que quando cachaça bebe:
embala a terra.

Sara, a nega do cabelo duro, para não encerrar a conversa:
cospe terra.

Zulmira, quando seus filhos são vendidos:
come terra.

(*Outras Vozes: contos sobre o negro escravizado no Brasil*, p. 26-27).

24 Dias de Açoite

Primeiro dia de açoite

Trazem para o Campo da Pólvora, o alufá Bilal Licultan, escravo batizado de Pacífico.

Vem altivo e olhando fundo para todos.

Anda devagar, firme, cadenciando.

Costas largas, nuas. Com a calça mal amarrada, que

permitia ver os pelos pubianos.

O feitor recém-chegado amarra as mãos do escravo.
Provoca que se abaixe e sente sobre os calcanhares.
Faz os braços passar entre as pernas e vai enfiando
uma grossa vara entre os joelhos.

Depois Bilal recebe um chute.

– *Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso.*

Louvido seja Deus, Senhor do Universo. O Clemente, O Misericordioso.

Senhor do Dia do Juízo. Só a Ti adoramos e só de Ti imploramos ajuda. Guia-nos à senda reta, à senda dos que agraciastes, não à dos abominados, nem à dos extraviados – reza com a voz vazada pela dor.

Por liderar, por chefiar a revolta, apesar de não ter participado, Bilal Licutan, escravo batizado de Pacífico, foi condenado a 1.200 chibatadas.

Orientados por Deus e pela lei não podem mais que cinquenta por dia.

Recebe a cota.

Em turnos: um de sova e dois de descanso, para a pele curtir.

O povo aplaude!

Segundo dia de açoite

– Dizem que ele foi penhorado por causa das dívidas do doutor Tônico.

– O bebum?

– Sim. A negrada se ajuntou e conseguiu até mais dinheiro para pagar a dívida. – Foi?

– Mas o juiz *num* quis.

– Foi?

Bilal Licutan foi trazido como no primeiro dia.

Amarrado.

Recebeu a mesma cota.

– *Deus selou os seus corações e os seus ouvidos; seus olhos estão velados e sofrerão um severo castigo* – disse, depois de solto, encarando uma quituteira.

Ela tremeu e foi embora quase chorando.

Terceiro dia de açoite

Bilal faz parte do caminho de cabeça baixa.

Entrando na praça, levanta: altivo e superior. Encara a todos.

Até sorri para os homens.

– Quem me falou jura que a delatora foi a nega Guilhermina...

– Pelo que soube, o juiz Zé Mendes já tinha conhecimento de tudo...

– Mas num importa; o que valeu é que saíram de uma casa da Ladeira da Praça mais de cem negros que deram de frente com vários soldados.

– Foi?

– Quase nenhum sobrou pra contar história...

Como nos outros dias, é amarrado. Atado e erguido. Recebe a cota. Com força. Com gosto.

Bilal sente gemidos sair sem querer.

Cinquenta depois: acorda e é levantado.

– *E teme o dia em que nenhuma alma poderá advogar por outra, nem lhe será admitida intercessão alguma, nem lhe será aceita compensação, nem ninguém será socorrido!* – Sua voz desvencilha-se fraca. Quase ninguém ouve.

Quarto dia de açoite

– Juro, ouvi com estes ouvidos que a terra há de comer.

– O quê?

– Escutei da boca do polícia: Têm sido encontrados muitos livros, alguns dos quais dizem ser preceitos religiosos tirados de mistura de seitas, principalmente do Alcorão. O certo é que a religião tinha sua parte na sublevação e os chefes persuadiam os miseráveis de que certos papéis os livrariam da morte; encontraram nos corpos mortos grande porção dos ditos e nas vestimentas ricas e esquisitas que figuram pertencer aos chefes também¹.

– Foi?

– Foi.

Bilal Licutan, escravo batizado de Pacífico, em 8 de junho, está com vontade de correr. Teme pela sua sanidade.

Reza mais.

Implora por força.

Não demonstra.

Ligeiro se coloca em posição.

Feitor, com pressa, nem o amarra.

Na última chibatada, ouvem um barulho de galho quebrando.

Não era lenho.

Não eram as costas de Bilal. Foi o braço do feitor.

– *Aqueles que lucram por meio de um mal e estão envolvidos por suas faltas serão os condenados ao inferno, no qual permanecerão eternamente. Salvo os que se arrependeram, emendaram-se e declararam a verdade, a esses absolveremos porque somos o Remissório, o Misericordiosíssimo.*

Quinto dia de açoite

Bilal acha pitoresco descobrir até graça no dia.

Céu azul que o faz lembrar de sua mãe.

Seu pai.

Irmãos de sangue.

Irmãos de luta.

Dos filhos de carne que não teve.

É pitoresco, sim!

– *Combatei-os! Deus os castigará, por intermédio das vossas mãos, aviltá-los-á e vos fará prevalecer sobre eles e curará os corações de alguns fiéis.*

Sexto dia de açoite

... e Bilal Licutan, escravo batizado de Pacífico e de propriedade do médico Antônio Pinto de Marques Varella, desmaiou.

Pela segunda vez.

Na praça só os negros viram.

Sentiram.

Temeram.

O outro feitor jogou água nele. Chacoalhou.

Chutou. Cuspiu até que ele acordou.

Bilal sorriu como se tivesse tido um bom sonho.

Recebeu o restante do açoite do dia.

– *A verdadeira virtude é a de quem crê em Deus, no Dia do Juízo Final, nos anjos, no Livro e nos profetas; de quem distribuiu seus bens em caridade por amor a Deus, entre parentes, órfãos, necessitados, viajantes, mendigos e em resgate de cativos. Aqueles que observam a oração pagam o zakat, cumprem os compromissos contraídos, são pacientes na miséria e na adversidade ou durante os combates; esses são os verazes, e esses são os tementes.*

Sétimo dia de açoite

– Num sei se é verdade, mas que vi, eu vi...

– Foi?

– Foi, sim. O lazarento *tava* outro dia aqui, e bastou o Pacífico olhar pra ele que parou de gemer.

– Foi?

– Foi. Parou de doer, e um dia depois *tava* curado. Sem nada. Limpinho!

– Foi.

Depois de cinquenta:

– *Regozijam-se com a mercê e com a graça de Deus, e Deus jamais frustra a recompensa dos fiéis.*

Oitavo dia de açoite

Arranjaram um negro para açoitar o escravo Pacífico, este é o alufá mais respeitado de toda Salvador. Arranjaram outro negro para punir com chicotadas o negro que deve flagelar Pacífico, caso hesite em sua tarefa.

O primeiro negro bate como se sua vida dependesse disso: com dó e piedade.

– *O homem nasce para labutar e porfiar; e, se ele sofrer, será devido à austeridade reinante. Deverá exercitar a paciência, porquanto Deus lhe amenizará o caminho. Por outro lado, ninguém deverá vangloriar-se dos seus bens terrenos ou da sua prosperidade terrena.*

Nono dia de açoite

– Viu só?

– o quê?

– Tiveram que trazer um novo carrasco.

– Foi?

– Ninguém quis mais.

– Verdade... Mas por que você não foi? O dinheiro é bom?

– Num pude...

– Porquê?

– Minhas costas estão no bagaço.

Depois de cinquenta:

– *Quanto aos tementes, viverão em jardins e em felicidade. Gozando daquilo com que o seu Senhor os houver agraciado; e o seu Senhor os preservará do suplício infernal. Ser-lhes-á dito: Comei e bebei, com proveito, pelo que fizestes!*

Décimo dia de açoite

Sempre depois da trigésima chicotada era necessário lavar as chagas com pimenta-do-reino e vinagre. Assim as carnes podiam até cicatrizar; era mesmo para evitar a putrefação.

– *Creemos em Deus, no que nos tem sido revelado, no que foi revelado a Abraão, a Ismael, a Isaac, a Jacó e às tribos; no que foi concedido a Moisés e a Jesus e no que foi dado aos profetas por seu Senhor; não fazemos distinção alguma entre eles e nos submetemos a Ele.*

Décimo primeiro dia de açoite

Nos primeiros, o dia somente começava depois da dor. Bilal não conseguia comer ou dormir ou pensar. Temia as dores e elas vinham mais fortes que a do açoite anterior.

Mas agora não: é apenas parte da sua vida.

Acorda e faz suas rezas.

Conversa com os irmãos cativos. Ensina alguns a escrever.

Distribui conselhos.

Ora.

Vai até o Campo da Pólvora. Apanha, desmaia, retorna e agradece em oração.

– *A justiça é uma fortaleza inexpugnável, construída no alto de uma montanha que não pode ser abatida pela violência das torrentes nem demolida pela força dos exércitos.*

Décimo segundo dia de açoite

Tem dia em que Bilal Licutan, escravo batizado de Pacífico, duvida.

Não acredita que este seja o real caminho: o verdadeiro! O que irá iluminar!

Será que vale a pena?

Vê um menino, negrinho, se despregar da multidão e correr em seu encontro.

Luiz!

Luizinho, filho de Luiza Mahin.

Não é!

Parecido. Lembra. Este é maior!

Vem e abraça as suas pernas. Chora.

Com muito custo, a mãe desgruda o menino.

Pacífico pensa no pai branco do Luiz. Onde está o meu menino?

Bilal Licutan, escravo batizado de Pacífico, chora de saudade e medo.

Depois das cinquenta:

- Não é pela força nem pelo teu poder que tu triunfarás, mas pelo meu espírito, diz o Senhor todo-poderoso².

Décimo terceiro dia de açoite

Chegou sabendo que Luís Sanim, companheiro batalhador e também cativo, conseguiu um segundo julgamento: o dono dele ajudou com os advogados. Talvez o amigo também seja condenado ou apenas açoitado.

– Contempla o arco-íris e bendiz o seu criador, ele é magnífico em seu esplendor. Forma no céu um círculo de glória, as mãos do Altíssimo o estendem³. – Sua voz até saiu forte. Muito mais do que esperava.

Décimo quarto dia de açoite

Bilal vai para o açoite preocupado. Triste, talvez. Sem saber o que pensar ou dizer. Um negro banto, negro de dentro, preso também por causa de dívidas dos seus senhores com os frades, chegou quieto e ficou em um canto amuado. Logo foi cuidado por um velho negro que há muito estava cativo e se recusava a dizer o nome de seu dono.

O banto e o ancião ficavam sempre juntos.

Até que uma noite, depois de suas orações, Bilal testemunhou o outro fazendo o banto de mulher. Irado, Bilal investiu contra o violador. Bateu. Surrou.

Tirou o banto das garras do amaldiçoado. Levou e lavou o meninote de casa.

– As ações devem ser julgadas de acordo com as intenções⁴.

Quando recobra a consciência, vê o banto chorando muito, de soluçar.

– Que foi?

– Saudade.

– De quem?

– Do meu velho...

Décimo quinto dia de açoite

– Tem gente vinda de longe para ver o flagelo do Pacífico.

– Dizem que ele só se interessa pelos seus.

– Dizem que ele sempre pede ajuda.

– Dizem que ele é arrogante com os maiores.

– Dizem que ele sempre deseja só o bem.

– Dizem que ele não tem medo de estar errado.

– Dizem que ele escuta dez vezes mais do que fala.

– Dizem que ele é impaciente.

– Dizem que ele é estúpido com os pequenos.

– Dizem que é formoso.

– Dizem que o médico recorreu e o negro vai ter outro julgamento.

– Dizem que ele até faz milagres.

Depois das cinquenta:

– E não caminhe sobre a terra exultante. Veja, você não pode abrir a terra nem se esticar até a altura das montanhas.

Décimo sexto dia de açoite

O negro que arranjaram para açoitar o Bilal caiu em prantos. Disse que não aguentava mais, que todos o olhavam com nojo e até raiva. Seus filhos tinham medo dele.

O outro, que foi arranjado para açoitar o negro que deveria flagelar o Bilal, parte para cima do chorão.

Bilal, atado, intervém.

– Bate em mim.

– Não, minha tarefa é bater nele.

– Você irá açoitá-lo e depois a mim. Ele não vai mais.

– Como você sabe?

– Os olhos dele estão sem brilho, embaçados. Bate em mim.

E então o outro, que foi arranjado para açoitar o negro que deveria flagelar o Bilal, o chicoteia cinquenta vezes.

– A verdadeira riqueza de um homem é o bem que ele faz neste mundo⁵.

Décimo sétimo dia de açoite

Um padre tenta dar a extrema unção para Bilal depois das sofridas cinquenta do dia. O negro se levanta. Firme. Superando a dor. Olha para o sacerdote e muito baixo pede que se afaste.

– *Deixa-os, pois, até que se deparem com o seu dia em que serão fulminados! Dia esse em que de nada lhes servirão as suas conspirações, nem serão socorridos. Em verdade, os iníquos, além desse, sofrerão outros castigos; porém a maioria o ignora.*

Décimo oitavo dia de açoite

Sim, Bilal Licutan, escravo batizado de Pacífico, está cada dia mais magro, mais fraco e muito mais flagelado. No entanto, mantém o corpo ereto. Com excelentes apurados, ossatura e temperamento altivo. Suas roupas pouco cobrem as partes. Bilal expõe-se menos.

As felizes, as escravas, as decididas, as casadas, as amigas, as fiéis, as primas, as novas, as livres, as teimosas, as Fátimas, as desesperadas, as Dalilas, as baixas, as altas, as roliças, as pacientes, as magras, as inimigas, as tristes, as faladeiras, as descrentes, as companheiras, as avós, as alforriadas, as religiosas, as nunca santas, as mães, as silenciosas e as velhas contemplam as passagens de Bilal Licutan, escravo batizado de Pacífico, até o campo de açoite.

– A Deus pertence tudo quanto existe nos céus e na terra, para castigar os malévolos, segundo o que tenham cometido, e recompensar os benfeitores com o melhor.

Décimo nono dia de açoite

– *E o delito será expiado com o talião, mas, quanto àquele que indultar, possíveis ofensas dos inimigos, e se emendar, saiba que a sua recompensa pertencerá a Deus, porque Ele não estima os agressores.*

– Dizem que o juiz ouviu o médico.

- Foi?
- Foi...

Vigésimo dia de açoite

Bilal Licutan, escravo batizado de Pacífico, tem o cotação em chamas. Inflama, dói.

Sempre soube que a morte é um dos caminhos. Não o amo.

Sempre soube que a luta é digna, porém sem dignidade. Sempre soube.

– *Ó Senhor nosso, cremos! Perdoa os nossos pecados e preserva-nos do tormento infernal.*

Mas saber que os irmãos de luta morreram fuzilados, feito porcos, faz a alma arder.

Vigésimo primeiro dia de açoite

– Quando a adversidade açoita os humanos, suplicam contritos ao seu Senhor; mas, quando os agracia com a Sua misericórdia, eis que alguns deles atribuem parceiros ao seu Senhor, para desagradecerem o que lhes concedemos. Deleitai-vos, pois logo o sabereis!

A branca velha e a velha negra derrubam lágrimas quase iguais.

Vigésimo segundo dia de açoite

– *Estes possuem a orientação do seu Senhor e serão os bem-aventurados.*

Hoje foi estranho. Não teve toda a determinação. Não sentiu que seu coração alegrou.

Ontem, depois das lições um cativo veio e questionou:

- E se nada disso for verdade?
- O quê?
- Se não existir nenhum Deus?
- Como?
- Se não tiver nenhum Paraíso? Ou inferno ou coisa alguma?
- Não sei...
- Já pensou se só existir isto aqui?
- Não...
- Eu já...

Vigésimo terceiro dia de açoite

Bilal constata a visão turva. Sensação de que o chão sobe. Nada está firme. Sente um vento fresco, acolhedor. Seus pés apreciam um chão macio, um jardim tenro. Fértil. É o seu paraíso. Céu celeste que nem azul parece. Vivo. Sente-se forte, ágil, maior. Como um oásis que nunca tinha visto. Rios de leite e mel, de vinho e de doçura, de carne, de tudo aquilo que se sacrificou. Suas houris, suas setenta e duas virgens, correm para ele. Disparam em sua direção. Alegres, com sorrisos graciosos, nuas. Suas. Prontas para serem dele. Mas elas param. Sembrantes fechados, preocupação e medo. Bilal olha para trás e vê Luiza Mahin. Linda, altiva, formosa. Bilal sente seu coração disparar. Apercebe-se que estar com ela é a sua recompensa maior. Agora é ele que corre em direção a ela. Quando vai abraçar e agradecer o seu amor, sente uma forte chicotada.

Acorda.

– Quanto aos tementes, viverão em jardins e em felicidade. Gozando daquilo com que o seu Senhor os houver agraciado; e o seu Senhor os preservará do suplício infernal. Ser-lhes-á dito: *Comei e bebei, com proveito, pelo que de bom fizestes!*

Vigésimo quarto dia de açoit

Acordou das últimas cinquenta.

– Pode ir... Acabou.

– Pode levantar e seguir o seu rumo.

– Pode...

– Ir.

– *Sabei que aqueles que contrariam Deus e Seu Mensageiro serão exterminados, como o foram os seus antepassados; por isso nós lhes enviamos lúcidos versículos.*

Recurso aceito e o Bilal Licutan, escravo batizado de Pacífico e de propriedade do médico Antônio Pinto de Marques Varella, foi condenado a somente seiscentas chicotadas.

(*Outras Vozes: contos sobre o negro escravizado no Brasil*, p. 47-64).

¹ Do relato do chefe de polícia Francisco Gonçalves Martins – 29 de janeiro de 1985.

² BÍBLIA, Zacarias 4, 6.

³ BÍBLIA, Eclesiástico 43. 11, 12.

⁴ Frase de Maomé

⁵ Frase de Maomé